



## MOTIVAÇÃO PARA RESPONDER SEM PRECONCEITO FRENTE A GAYS E LÉSBICAS: UM ESTUDO COM POLÍTICOS

Leogildo Alves Freires<sup>1</sup>  
Rildésia Silva Veloso Gouveia<sup>2</sup>  
Roosevelt Vilar Lobo de Souza<sup>3</sup>  
Ana Karla Silva Soares<sup>4</sup>  
Layrtthon Carlos de Oliveira Santos<sup>5</sup>  
Rebecca Alves Aguiar Athayde<sup>6</sup>

**Resumo.** O presente estudo buscou conhecer as motivações de figuras políticas de autoridade para responderem sem preconceito frente a gays e lésbicas, e, além disso, conhecer até que ponto tais discursos não homofóbicos proferidos por esses políticos são autênticos. Para tanto, contou-se com uma amostra de 93 políticos da Paraíba, com idades entre 21 e 84 anos ( $m = 47,7$ ,  $dp = 12,39$ ), sendo a maioria do sexo masculino (69,9%) e com formação superior (59,8%). Os resultados encontrados apontam para um padrão comportamental regido por normas e instrumentos sociais (como mídia, religião, política) que coíbem o preconceito explícito e fazem com que figuras de autoridade política passem a apresentar um comportamento não preconceituoso frente a tais minorias para atender ao padrão heteronormativo socialmente desejável.

**Palavras-chave:** Valores humanos, preconceito e motivação.

Na sociedade contemporânea a sexualidade vem sendo incorporada como uma dimensão definidora do sujeito, sendo essencial na formação de sua identidade pessoal (Uziel, 2002). Quando encontrados em homens, os atributos masculinos são desejáveis e vistos de forma positiva, mas aparecendo em mulheres, as pessoas afirmam que as desqualificam e as tornam alvos de preconceito; o mesmo ocorre com os atributos femininos que aparecem nos homens. Assim, os comportamentos sexuais e afetivos que não obedecem tal distinção, são vistos como desviantes e pervertidos (Torrão Filho, 2004).

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba. leogildo.alves.freires@gmail.com

<sup>2</sup> Centro Universitário de João Pessoa. rildesia.val@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba. roosevelt.lobo@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal da Paraíba. akssoares@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal da Paraíba. layrtthon@hotmail.com

<sup>6</sup> Universidade Federal da Paraíba. rebeccaathayde@gmail.com

No entanto, existe por parte da sociedade um padrão do que é considerado socialmente desejável, desaprovando atitudes preconceituosas, e as pessoas que não obedecem a esse padrão sofrem sanções por parte dos demais ou ainda correm o risco de sofrerem punições legais (Plant & Devine, 1998). Este quadro acentua-se ainda mais quando se consideram pessoas públicas, sendo seus posicionamentos e opiniões mais propensos à repercussão e avaliação global dos outros. A título de ilustração, recentemente, veio à tona na mídia brasileira o caso do Deputado Federal Jair Bolsonaro, que em entrevista a um programa de TV aparece manifestando declarações de conteúdo homofóbico e racista. O discurso polêmico do Deputado repercutiu de forma rápida e em larga escala, tornando-se objeto de discussão e julgamento negativo por parte da população. Para se ter ideia desta repercussão, ao se consultar o nome “Jair Bolsonaro” no site de buscas *google*, são encontrados cerca de 527.000 resultados dentre notícias de jornais, sites, blogs e redes sociais em geral.

Estes fatos recentes chamam a atenção para as novas configurações do preconceito que cada vez mais deixam de se apresentarem explicitamente e, quando ocorrem, são prontamente recriminados, mas em contrapartida passam a figurar livremente de maneira sutil, implícita e cada vez mais presente. Em consonância com estes acontecimentos, diversas pesquisas sobre o preconceito frente a homossexuais no contexto brasileiro têm apontado que não há dúvidas de que existe uma tendência de as pessoas evitarem demonstrar preconceito frente a grupos minoritários (e.g., gays, lésbicas, negros) (Lacerda, Pereira, & Camino, 2002; Gouveia, Souza Filho, Araújo, Guerra, & Sousa, 2006). Tal tendência parece estar ligada tanto a disposições da personalidade, desejabilidade social (Seisdedos, 1996), quanto aos valores humanos (Gouveia et al., 2006). Tendo em vista esta mudança na forma de expressão do preconceito, alguns estudiosos têm se dedicado a entender o que motiva as pessoas a responderem sem preconceito e se estas motivações denotam um reflexo de mudanças nas atitudes pessoais ou decorrem de pressões sociais (Plant & Devine, 1998).

Neste sentido, o presente projeto pretende conhecer a relação entre os valores e as motivações para responder sem preconceito frente a gays e lésbicas, considerando uma amostra de políticos da Paraíba, tendo em vista que os valores humanos guiam as ações humanas e expressam suas necessidades básicas (Gouveia, 2009, 2010). Portanto, é plenamente justificável este empreendimento científico para compreensão de como estes construtos (valores e preconceito) encontram-se associados, pois o comportamento do político, por sua vez, tanto pode promover como prejudicar o desenvolvimento

social. Neste sentido, faz-se necessário, primeiramente, uma breve exposição acerca dos valores humanos e, posteriormente, sua relação com o preconceito.

Segundo Gouveia et al. (2008), existem duas funções consensuais na literatura acerca dos valores humanos: (a) guiam as ações do homem (tipo de orientação; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992) e (b) expressam suas necessidades (tipo motivador; Inglehart, 1977; Maslow, 1954). Neste sentido, as funções dos valores são definidas como aspectos psicológicos que os valores cumprem ao dirigir o comportamento e representar cognitivamente as necessidades humanas. Descreve-se a seguir cada uma destas funções principais.

A distinção pessoal – social, de algum modo presente nas ideias de Tönnies (1887/1979) e claramente defendida por Rokeach (1973), é certamente uma dimensão fundamental de orientação do ser humano (Gouveia et al., 2011). De maneira geral, estima-se que pessoas que se pautam em valores pessoais são egocêntricas, possuindo um foco intrapessoal, enquanto que aquelas guiadas por valores sociais possuem um foco interpessoal ou priorizam a vida em sociedade (Gouveia, 2003). Coerente com esta perspectiva, na presente teoria concebe-se que as pessoas enfatizam a si mesmas ou ao grupo como a unidade principal de sobrevivência (Gouveia et al., 2008), sendo, desta forma, seus comportamentos guiados por uma orientação pessoal ou social, respectivamente.

Gouveia (1998, 2003) defendeu a existência de um terceiro tipo de orientação, denominado como central. Tais valores se apresentam entre os outros dois tipos de orientação, compreendendo a base estruturante ou o ponto de referência dos demais valores. A centralidade destes valores não é situacional, isto é, não se deve ao juízo que as pessoas fazem acerca de sua importância (Verplaken & Holland, 2002); é, por outro lado, uma qualidade inerente de um conjunto de valores, uma característica ou propriedade que eles têm. Tais valores são a base a partir da qual são definidos os demais valores, representando cognitivamente a polarização de necessidades mais básicas (por exemplo, comer, dormir, beber) e aquelas de ordem mais elevada (por exemplo, cognitivas, estéticas, autorrealização).

De acordo com Gouveia et al. (2009, 2010), mesmo não havendo uma correspondência perfeita entre necessidades e valores, é possível concebê-los como representando cognitivamente as necessidades humanas. Inglehart (1977) foi um dos autores que teve em conta as necessidades mais diretamente, propondo dois tipos de

valores culturais para representar aquelas consideradas mais básicas (materialismo) e as mais avançadas (pós-materialismo).

Coerente com o anteriormente descrito, Gouveia e seus colaboradores (Gouveia, 2003; Gouveia et al., 2010, 2011) indicam que os valores podem ser classificados como materialistas (pragmáticos) ou humanitários (idealistas) (Inglehart, 1977; Marks, 1997), segundo as necessidades que representam cognitivamente. Os valores materialistas ou pragmáticos evidenciam ideias práticas, um pensamento mais voltado para o aqui e agora, visando um interesse imediato e a observância de condutas que atendam a padrões culturais vigentes. Quem se pauta por estes valores costuma apresentar uma orientação para metas específicas e regras normativas, dando importância à sua própria existência e as condições nas quais esta pode ser assegurada. Por outro lado, os valores humanitários ou idealistas representam uma orientação universal, baseada em princípios e ideias abstratas, sem um foco imediato. Quem se pauta por tais valores tende a ter uma visão mais ampla e madura da vida, desfrutando do prazer de existir e estando aberto a possibilidades e mudanças.

As duas dimensões funcionais dos valores formam dois eixos principais. O eixo horizontal corresponde ao *tipo de orientação* e o vertical ao *tipo de motivador*. Estas dimensões podem ser combinadas em uma estrutura três por dois, ou seja, com três critérios de orientação (social, central e pessoal) e dois tipos de motivadores (materialistas e humanitários), compondo seis quadrantes: social-materialista, social-humanitário, central-materialista, central-humanitário, pessoal-materialista e pessoal humanitário. A partir das interações dos valores ao longo dos eixos, são identificadas seis subfunções, distribuídas de forma equitativa nos critérios de orientação *social* (interativas e normativas), *central* (suprapessoal e existência) e *pessoal* (experimentação e realização). Deste modo, os tipos de motivadores são representados por meio de três subfunções cada: de um lado, *existência, realização e normativa*, do tipo motivador *materialista*, e por outro *suprapessoal, experimentação e interativa*, que cobre o motivador *humanitário*.

Este modelo vem sendo corroborado por diversos estudos realizados em contexto brasileiro, revelando-se adequado para explicar comportamentos e atitudes sociais, como: o sentido da vida, o uso de drogas (Coelho Junior, 2001; Pimentel, 2004), a intenção de constituir família (Milfont, 2001), o sexismo e o liberalismo sexual (Guerra, 2005).

As atitudes negativas em relação à homossexualidade vêm sendo estudadas a partir de diversas perspectivas, representando com isso uma tentativa por parte dos pesquisadores de identificar como o preconceito se desenvolve e como podem ser promovidas intervenções que visem a sua redução (Toro-Alfonso & Varaz-Díaz, 2004).

Em estudo realizado por Whitley (2000), observou-se que as atitudes em relação a homossexuais são influenciadas pelas crenças e opiniões estabelecidas culturalmente. Seus resultados apontaram para a questão de que o preconceito sexual é devido, dentre outros fatores, ao desejo dos heterossexuais de manter as tradições com relação ao gênero, as quais estariam sendo transgredidas pelos homossexuais.

Lacerda et al. (2002) realizaram uma pesquisa com estudantes universitários sobre a natureza da homossexualidade, utilizando a tipologia de Pettigrew e Meertens (1995). Eles observaram que os preconceituosos flagrantes explicam a homossexualidade através de princípios éticos, morais e religiosos, enquanto os preconceituosos sutis atribuem explicações biológicas e psicológicas, e os não preconceituosos atribuem explicações psicossociais (Camino et al., 2001; Lacerda et al., 2002).

Vera e Martínez (1994) realizaram um estudo com estudantes universitários utilizando os tipos motivacionais de Schwartz, em que se buscou observar em que medida os valores deste modelo explicam o nível de preconceito para com grupos minoritários. Observou-se que as pessoas com nível menos elevado de preconceito dão maior importância ao valor *universalismo*, enquanto o valor *tradição* está mais correlacionado aos indivíduos preconceituosos.

De acordo com Gómez e Huici (2001), os estudos sobre o preconceito frente a homossexuais dividem-se em três grandes enfoques: (1) teorias do novo racismo, (2) enfoques que dão ênfase na congruência de crenças ao tratar das relações intergrupais, e (3) ênfase na diferença da hierarquia de valores dos membros que compõem os exogrupos, correspondentes à perspectiva de Schwartz. Por meio da hierarquia de valores é possível conhecer como o indivíduo se relaciona com o mundo físico e social, ou seja, compreender as prioridades valorativas de um indivíduo é um importante indicativo (Tamayo, Lima, Marques, & Martins, 2001).

Vasconcelos, Gouveia, Souza Filho, Sousa e Jesus (2004) fizeram uma pesquisa visando conhecer em que medida os valores humanos estão relacionados às atitudes preconceituosas e à intenção em manter o contato social com pessoas negras. Os resultados encontrados foram consistentes aos achados anteriores, e através de uma

análise de regressão múltipla, encontrou-se que os valores *suprapessoais* e de *realização* foram bons preditores para as atitudes preconceituosas e que estas explicaram significativamente a intenção em manter contato social com negros.

Em estudo realizado por Gouveia et al. (2006), buscou-se conhecer em que medida os valores humanos correlacionam-se com a motivação para responder sem preconceito frente a negros. A pesquisa contou com a participação de 308 pessoas da cidade de João Pessoa, divididas entre estudantes universitários e população geral. Os participantes responderam, dentre outros instrumentos, a *Escala de Motivação Interna e Externa para Responder sem Preconceito* (Plant & Devine, 1998) e ao *Questionário de Valores Básicos - QVB* (Gouveia, 1998). Os resultados demonstraram que a *motivação interna* correlacionou-se positivamente e principalmente aos valores *suprapessoais*, e a *motivação externa* correlacionou-se unicamente aos valores de *realização*.

Tal como demonstrado, a maioria dos estudos preocupa-se em observar os indicadores diretos de atitudes ou crenças preconceituosas (Gómez & Huici, 2001; Vera & Martínéz, 1994). Não obstante, é igualmente importante considerar as motivações que levam os sujeitos a evitarem demonstrar preconceito frente a grupos minoritários. Deste modo, parece evidente considerar a base valorativa das pessoas e observar em que medida os valores humanos correlacionam-se às motivações para responder sem preconceito.

Frente ao que vem sendo apresentado, pretende-se, como objetivo geral, conhecer a motivação para responder sem preconceito frente a gays e lésbicas, tomando em consideração uma amostra de políticos paraibanos. Como objetivos específicos buscou-se conhecer os correlatos valorativos das motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais (gays e lésbicas). Nesse sentido, descreve-se a seguir o método, resultados e discussão do presente estudo.

## **Método**

### *Amostra*

A amostra utilizada no presente estudo foi de conveniência, não probabilística, composta por 93 políticos da Paraíba, com idades entre 21 e 84 anos ( $m = 47,7$ ,  $dp = 12,39$ ), sendo a maioria do sexo masculino (69,9%) e com formação superior (59,8%). Os participantes foram abordados em câmaras legislativas, prefeituras, comitês, residências, ruas e universidades, os quais participaram de maneira voluntária.

## *Instrumentos*

Os participantes receberam um inventário constituído pelas seguintes medidas:

### ***Escala de Motivação Interna e Externa para Responder sem Preconceito:***

Elaborada por Plant e Devine (1998), esta escala é composta por 10 itens distribuídos igualmente em dois fatores 1 ) *motivação interna (Procuro agir de forma não preconceituosa em relação aos gays porque isso é importante para mim)* e 2) *motivação externa (Se eu agir de forma preconceituosa contra gays vou me preocupar se as pessoas vão ficar com raiva de mim)*. Estes itens avaliam em que medida as pessoas dão respostas não preconceituosas em relação à exogrupos, no caso em questão, *homossexuais*, devendo ser respondidos em uma escala de respostas de nove pontos que variam de 1 = *Discordo totalmente* a 9 = *Concordo totalmente*.

***Questionário dos Valores Básicos (QVB):*** Consta de 18 itens ou valores específicos (Gouveia et al., 2008) com dois descritores para cada item, procurando representar o conteúdo inerente do valor. Por exemplo, Tradição sugere “seguir as normas sociais de seu país” e “respeitar as tradições de sua sociedade”, e assim por diante. Com o fim de respondê-los, o participante deve ler cada um com atenção e avaliar sua importância como um princípio-guia na sua vida, utilizando escala de sete pontos, variando de 1 (Totalmente não importante) a 7 (Totalmente importante).

***Escala de Desejabilidade Social (EDS):*** A presente versão compreende uma adaptação brasileira reduzida, formada por 20 itens, proposta por Gouveia, Guerra, Sousa, Santos e Costa (2009). Seus itens expressam a necessidade de aprovação por parte de outras pessoas. Por exemplo, “Se pudesse entrar em um cinema sem pagar e ter certeza de que não seria visto (a), provavelmente eu o faria” e “Sou sempre cuidadoso (a) com meu jeito de vestir”. As respostas são dadas em escala dicotômica, com as pontuações 0 (falso) e 1 (verdadeiro).

***Questionário sócio-demográfico:*** Além das medidas anteriormente descritas, contou-se ainda com itens que objetivaram traçar um perfil sócio-demográfico da amostra considerada no estudo, entre tais quesitos constaram sexo, idade, estado civil, nível de religiosidade e filiação partidária.

## *Procedimento*

A fim de coletar os dados com os políticos, foram realizadas visitas a instituições públicas, como prefeituras, assembleias legislativas e câmaras municipais que possibilitassem a pesquisa de maneira mais conveniente. Os políticos foram

contatados previamente e, aqueles que aceitaram participar, foram visitados pelos pesquisadores em seus respectivos gabinetes para responderem aos instrumentos. A todos os participantes foram assegurados os procedimentos éticos aplicados em pesquisa com seres humanos, bem como foi informado o caráter voluntário da participação, que aconteceu de forma individual, com presença de um colaborador que, quando foi necessário, auxiliou no preenchimento dos instrumentos.

### *Análise de Dados*

Os dados foram digitados e analisados no *PASW* (versão 19). Realizaram-se estatísticas descritivas (medidas de tendência central e medidas de dispersão) e teste *t* para avaliar se há diferença significativa entre as médias da motivação interna e externa. Além disso, foram realizadas análises de correlações *r* de Pearson entre as subfunções valorativas e as motivações internas e externas para responder sem preconceitos frente a gays e lésbicas, bem como uma análise de regressão do tipo *Stepwise*, com valores explicando as motivações para responder sem preconceito frente a gays e lésbicas.

### **Resultados**

Com o objetivo de analisar os escores dos políticos no que concerne as dimensões da motivação interna e externa para responder sem preconceito, foram realizadas estatísticas descritivas. Por meio de análises das médias dos participantes nos fatores, pode-se observar que os políticos pontuaram mais no quesito motivação interna (65%) para responder sem preconceito, como pode ser observado na figura 1.



**Figura 1:** Médias das pontuações para responder sempre preconceito frente a gays e lésbicas.



Neste sentido, com o objetivo de verificar se estas diferenças são estatisticamente significativas, isto é, observar se a amostra de políticos utilizada neste estudo difere entre motivação interna e externa, realizou-se um teste *t* pareado. Os resultados apontaram que os políticos apresentam maior média em motivação interna ( $m = 6,82$ ;  $dp = 2,05$ ) do que em motivação externa ( $m = 3,71$ ;  $dp = 2,48$ ), sendo a significância desta diferença de fato confirmada ( $t = 9,67$ ;  $p < 0,001$ ).

**Tabela 1.** Test *t* relacionado para diferenças entre as médias das motivações interna e externa dos políticos

	<i>m</i>	<i>Dp</i>
<b>Motivação Interna</b>	6,82	2,05
<b>Motivação Externa</b>	3,71	2,48
<i>T</i>		9,67
<i>Gl</i>		89
<i>P</i>		0,001

Apesar de não ser o objetivo geral deste trabalho buscou-se também conhecer os valores humanos implicados nas motivações para responder sem preconceito, neste estudo observou-se que as subfunções *experimentação* e *realização* correlacionaram-se positivamente com as motivações externas, apresentando as respectivas pontuações:  $r = 0,29$  ( $p < 0,01$ ) e  $r = 0,30$  ( $p < 0,01$ ). Por outro lado, as motivações internas se correlacionaram positivamente com a subfunção *suprapessoal* ( $r = 0,21$ ;  $p < 0,05$ ). Os resultados mostraram-se coerentes com a literatura, que relaciona as motivações externas a orientações mais intrapessoais, como, por exemplo, o valor *prestígio* ( $r = 0,35$ ,  $p < 0,01$ ). E as motivações internas relacionam-se com motivações cognitivas e estéticas, características da subfunção *suprapessoal*, sobretudo no que diz respeito ao valor *beleza* ( $r = 0,23$ ,  $p < 0,05$ ).

**Tabela 2.** Correlações entre as Motivações para responder sem preconceito e as subfunções valorativas

Subfunções	Tipos de Motivação	
	Motivação Interna	Motivação Externa
<b>Interativa</b>	0,04	0,16
<b>Normativa</b>	-0,04	0,07
<b>Suprapessoal</b>	0,21*	0,07
<b>Existência</b>	-0,02	0,11
<b>Experimentação</b>	0,18	0,29**
<b>Realização</b>	0,15	0,30**

Notas. \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ .

Além disso, foi realizada uma análise de regressão utilizando o método *stepwise* a fim de observar quais valores humanos têm a capacidade de prever as motivações interna e externa para responder sem preconceito.

**Tabela 3.** Regressão Linear do tipo *stepwise* da Motivação Interna e Externa para Responder sem Preconceito, tomando os valores humanos como variáveis explicadoras.

Motivação para responder sem preconceito	Preditoras	$\beta$	$t$	$P$
Interna	Suprapessoal	0,21	2,11	0,037
Externa	Realização	0,29	2,93	0,004

O modelo que predisse de forma significativa a motivação interna [ $F(1, 91) = 4,48$ ;  $p < 0,05$ ;  $R_{\text{múltiplo}} = 0,21$ ;  $R^2_{\text{ajustado}} = 0,03$ ] contou unicamente com a subfunção *suprapessoal* ( $\beta = 0,21$ ;  $p < 0,05$ ), enquanto a motivação externa foi melhor predita pelo seguinte modelo: [ $F(1, 91) = 8,58$ ;  $p < 0,005$ ;  $R_{\text{múltiplo}} = 0,29$ ;  $R^2_{\text{ajustado}} = 0,07$ ]; este último considerou apenas os valores de *realização* ( $\beta = 0,29$ ;  $p < 0,005$ ).

## Discussão

De acordo com o supracitado, o preconceito continua presente na sociedade vigente, porém tem assumido uma nova roupagem, adequando-se às sanções e pressões sociais. Tendo em conta tais mudanças na expressão do preconceito, diversos pesquisadores têm buscado compreender o que motiva uma resposta sem preconceito e se estas motivações refletem uma mudança em atitudes pessoais ou são provenientes de pressões sociais. Deste modo, considerando uma amostra de políticos do estado da Paraíba, buscou-se apresentar neste estudo a relação entre os valores humanos e as motivações para responder sem preconceito frente a gays e lésbicas.

No presente estudo, os resultados apontam que os políticos apresentam um padrão de comportamentos adequado as demandas sociais, regido por normas e instrumentos sociais (mídia, religião, política), que são contrários ao exercício do preconceito explícito. Desta maneira, parece ser que os comportamentos expostos pelos políticos tem um caráter não preconceituoso frente às minorias para contemplar uma necessidade da sociedade que desaprova atitudes preconceituosas frente a grupos

minoritários (Plant & Devine, 1998). Não obstante, é importante destacar que, nesta pesquisa, foram considerados apenas instrumentos de autorrelato, os quais são fortemente influenciados pelo viés da desejabilidade social. Neste sentido, os resultados devem ser analisados com cautela, visto que, principalmente na classe de políticos, a pressão social é muito forte, podendo levá-los a não responder de forma sincera.

Diversos estudos apontam que o preconceito frente a homossexuais está implicado no desejo de manutenção das tradições com relação ao gênero, partindo de condutas e comportamentos heteronormativos (Whitley, 2000). Os resultados deste estudo mostraram-se coerentes com tais achados, com a **subfunção normativa**, que indica a importância em preservar normas, tradições e cultura, se correlacionando de maneira negativa com a motivação interna para responder sem preconceito, a qual compreende as motivações mais cognitivas e intrínsecas do indivíduo. Ainda corroborando com os achados, a **subfunção realização** correlacionou-se de maneira positiva e significativa com as motivações externas para responder sem preconceito, principalmente no que diz respeito ao valor prestígio, refletindo a importância dada ao reconhecimento público das ações dos indivíduos. Desse modo, parece ser que as pessoas que se orientam por valores de realização, dão maior importância ao modo que a sociedade as observa, estando mais preocupadas com *status* e opinião pública, e ainda apresentando uma propensão maior a expor uma motivação externa para responder sem preconceito.

No que se refere às motivações internas para responder sem preconceito, corroborando com os achados presentes na literatura científica, estas se correlacionam de maneira significativa com a **subfunção suprapessoal**, a qual tem como característica orientações cognitivas e estéticas. As pessoas que se guiam por esta subfunção, costumam pensar de forma mais abrangente e abstrata, tomando decisões e se comportando a partir de critérios universais. São pessoas com uma preocupação maior em orientações transcendentais, confirmando as características presentes nas motivações internas para responder sem preconceito.

Além de se correlacionarem com as motivações interna e externa, as subfunções valorativas de realização e suprapessoal, mostraram explicar e ter a capacidade de prever tais motivações. Isto é, na presença de tais valores, os políticos tendem a possuir, interna ou externamente, motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais.

Portanto, confirmando o estudo realizado por Vasconcelos (2004), neste estudo foi possível observar que os valores suprapessoais e de realização foram bons preditores para as atitudes preconceituosas e que estas explicam significativamente a intenção para manter contato social com os homossexuais. Ademais, observou-se que os valores suprapessoais predisseram as motivações internas para responder sem preconceito e os valores de realização predisseram as motivações externas para responder sem preconceito.

Diante do exposto, confia-se que os objetivos propostos tenham sido alcançados, e espera-se contribuir com a literatura acerca da temática. Não obstante, há que se considerar algumas limitações inerentes ao estudo, em especial, à amostra. Esta não se constitui como uma amostra aleatória, nem ainda representativa da população paraibana de políticos. Além disso, a limitação de se tratar neste estudo de medidas de autorrelato, que podem implicar em respostas socialmente desejadas. Entretanto, tais limitações não invalidam os resultados encontrados, embora impossibilitem uma maior generalização.

## Referências

- Camino, L., Silva, P., Machado, A., & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicológica. *Psicologia Política*, 1, 13-36.
- Gómez, A. & Huici, C. (2001). *Valores y reducción del prejuicio*. Em M. Ros & V.V. Gouveia (Eds.), *Psicología social de los valores humanos: Avances teóricos, metodológicos y aplicados* (pp. 219-237). Madrid: Biblioteca Nova.
- Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: Una comparación intra e Intercultural*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madrid, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). *Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas*. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Eds.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes* (pp. 278-295). Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Sousa, D. M. F., Santos, W. S., & Costa, J. M. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: Evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*, 8, 87-98.

- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Coelho, J. A. P. M. (2009). Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para organizações. *Revista de Administração Mackenzie, 10*, 34-59.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. Em M. L. M. Teixeira (Ed.), *Valores humanos e gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo, SP: Senac.
- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Milfont, T. L., Fischer, R., Clemente, M., & Espinosa, P. (2010). Teoría funcionalista de los valores humanos en España: Comprobación de las hipótesis de contenido y estructura. *Interamerican Journal of Psychology, 44*, 203-214.
- Gouveia, V.V., Souza Filho, M.L., Araújo, A.G.T., Guerra, V.M., & Souza, D.F.M (2006). Correlatos valorativos das motivações internas e externas para responder sem preconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*, 422-432.
- Guerra, V. M. (2005). *Bases valorativas do liberalismo sexual*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, JoãoPessoa-PB.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 15*, 165-178.
- Marks, G. N. (1997). The formation of materialist and postmaterialist values. *Social Science Research, 26*, 52-68.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper and Row.
- Milfont, T. L. (2001). *A intenção de constituir família: Suas bases normativas e relacionais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, João Pessoa.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology, 35*, 57-75.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos de risco*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Plant, E. A. & Devine, P. G. (1998). Internal and external motivation to respond without prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*, 811-832.

- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Schwartz, S. H. (1992). Universal in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. Em M. P. Zanna (Ed.), *Advanced in experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Seisdedos, N. (1996). The "IM" (impression management) Scale. *European Review of Applied Psychology*, 46, 45-54.
- Tamayo, A., Lima, A., Marques, J., & Martins, L. (2001). Prioridades axiológicas e uso de preservativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 167-175.
- Tönnies, F. (1887/1979). *Comunidad y asociación*. Barcelona: Ediciones Península.
- Toro-Alfonso, J., & Varas-Díaz, N. (2004). Los otros: Prejuicio y distancia social hacia hombres gay y lesbianas en una muestra de estudiantes de nivel universitario. *International Journal of Clinical Psychology*, 4, 537- 551.
- Torrão Filho, A. (2004). Uma questão de gênero: Onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, 24, 127-152.
- Uziel, A. P. (2002). *Família e homossexualidade: Velhas questões, novos problemas*. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, SP.
- Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Souza Filho, M. L., Sousa, D. M. F., & Jesus, G. R. (2004). Preconceito e intenção em manter contato social: evidências acerca dos valores humanos. *Psico-USF*, 9, 147-154.
- Vera, J.J., & Martínez, M. del C. (1994). Preferencias de valores en relación con los prejuicios hacia exogrupos. *Anales de Psicología*, 10, 20-40.
- Verplaken, B., & Holland, R. W. (2002). Motivated decision making: Effects of activation and self-centrality of values on choices and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 434-447.
- Vione, K. C. (2009). *Correlatos valorativos das motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais*. Monografia de conclusão de formação em Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Whitley Jr., B. E., & Egisdóttir, E. (2000). The gender belief system, authoritarianism, social dominance orientation, and heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men. *Sex Roles*, 42, 947-967.